

António Torrado e os Contos “de exemplo”: a trilogia: igualdade, liberdade, fraternidade

António Torrado and the Tales of “Example”: the trilogy: Equality, freedom and brotherhood.

Carla Guerreiro

Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação
carlaguerreiro@ipb.pt

Resumo

Refletiremos neste artigo sobre a obra de António Torrado, destinada a um público infante - juvenil. Tendo escolhido um corpus textual que definimos em termos de contos “de exemplo”, comprovaremos de que forma(s) o autor transmite aos mais novos, mensagens de igualdade, fraternidade e respeito pela liberdade individual de todos os seres.

Comprovaremos que os contos analisados obedecem a uma construção de sentidos universais, que podemos caracterizar como atemporais, embora neles não se vislumbre qualquer carga doutrinadora, mas sim o sentido de que as crianças a quem se destinam serão homens e mulheres que se pretendem conscientes da realidade que os envolve.

Palavras-chave: *Contos, Infância, liberdade, igualdade, fraternidade.*

Abstract

This article is based on the literary production of António Torrado, targeting a young public. Having chosen a corpus which we define in terms of short stories "Of Example ", we will check in what way (s) the author conveys the newer messages of equality, brotherhood and respect for individual freedom of all beings.

We will check that the tales analyzed obey to an universal construction of meaning, which we characterize as timeless and though they don't glimpse any classic morality, they aim to form the character of children, helping them to become aware of the reality that surrounds them.

Keywords: *Tales, childhood,, freedom, equality, brotherhood.*

Introdução

António Torrado é um dos mais fecundos e premiados escritores do panorama da literatura portuguesa contemporânea para crianças e jovens. Professor, jornalista, editor, produtor, argumentista de televisão, escritor (ficcionalista, poeta, dramaturgo e autor de manuais escolares), há já muitos anos que tem vindo a dedicar aos mais novos o melhor da sua escrita, dedicando-lhes muito do seu tempo e talento, não só na qualidade de adaptador de textos de raiz popular e tradicional, como na de autor de textos originais.

Com efeito, a sua extensa obra, iniciada nos anos sessenta, tem vindo a dar provas de uma capacidade imaginativa invulgar, sendo várias vezes distinguida com prémios e menções honrosas. Ficcionalista, poeta, dramaturgo, o conto é, no entanto, o género literário em que mais tem produzido. Elaborado a partir do reinventado espetáculo do mundo, vício adquirido na infância, ou adaptado dos contos tradicionais, sobretudo o conto português, tem, nos últimos anos, vindo a evoluir no sentido de um texto mais conciso, para o qual reivindica o

adjetivo de “mágico”. (...) *Assim se filia (Torrado) na longa linhagem dos que dão a ver o caleidoscópio dos mundos imaginados, dos guardiões do mundo da fantasia: António Torrado, o contador de histórias* (Costa, 199, p. 6).

Escrevendo com a simplicidade de um contador de histórias, António Torrado prova não existirem insignificantes no plano imaginário.

O autor considera a literatura de potencial receção infantil como a última depositária de uma forma protoliterária que era a oralidade. É o último fenómeno de resistência de uma tradição de comunicação que nem sequer tinha como destinatários exclusivamente as crianças. *Nós hoje em dia, depositamos essas histórias, que eram contadas oralmente, em livros, mas elas devem manter a mesma fluência da fala* (Costa, *op. cit.*, p. 6).

O conto fornecerá, assim, soluções concretas e tranquilizadoras, ainda que envoltas no véu da poesia e do mito, em concordância, aliás, com a especificidade da cosmovisão infantil. A extensa e diversificada obra de Torrado, que integra não só textos de raiz popular e tradicional, mas também poesia e sobretudo contos, enquanto veiculadora de mensagens e valores, assenta na trilogia: liberdade, solidariedade e respeito pelo outro. Escrevendo sempre com a simplicidade de um contador de histórias, Torrado prova que todos os temas narrativos e que todas as circunstâncias, podem ser motivo de deslumbramento e ponto de partida para a criação literária: *É fácil descobrir histórias nas coisas comuns e nos factos triviais do dia-a-dia. Atenção, sensibilidade e imaginação são os elementos que constituem a chave da criação para o contador de histórias* (Torrado, 2003, pp. 5-6).

É a *oratura* que o apaixona. Mergulha no prazer de contar como os antigos contadores, por isso imperam no seu discurso aspetos como: a musicalidade, os comentários cúmplices, a vivacidade ou o ritmo embalador da voz, características textuais que encantam os mais novos.

A comunicabilidade do escritor para crianças, a comunicabilidade sem demagogias, deve partir de uma transparência de escrita como se as palavras não estivessem lá. É uma escrita em voz alta (Torrado, 1984, p. 14).

Após leitura e análise da obra de António Torrado destinada ao público infantil e juvenil, torna-se evidente que se distribui por três grandes áreas que encerram, em maior ou menor grau, algumas constantes (as marcas de oralidade, a reflexão sobre conceitos e valores, o binómio humor/poesia) e as combinam em proporções diferentes, com certos traços específicos. Podendo assim considerar:

a) O bloco de textos (narrativas em prosa ou rimadas) inspirados no património oral popular;

b) Contos inspirados no quotidiano (em que o autor faz a animização de objetos ou animais, atribuindo-lhes vida própria e sentimentos);

c) Contos “de exemplo”, que assentam na trilogia: igualdade, liberdade, fraternidade –, resultando, deles concisas, mas densas reflexões, ou diretamente expressas pelo autor, ou depreendidas pelo leitor.

Em comum, os três grupos têm o facto de serem “iluminados” por uma centelha de humor ou por um ambiente de poética estranheza e de, todos os seus textos, terem o raro mérito de fazer pensar na relatividade dos conceitos.

Refletiremos, neste texto, sobre o último tipo de contos que atrás enunciámos.

Os Contos “de exemplo” de António Torrado: a trilogia: igualdade, liberdade, fraternidade

Iniciaremos a nossa reflexão com o conto em poesia: *Uma História em Quadradinhos*, escrita, em parceria, com Maria Alberta Menéres. Uma alegoria sobre a escuridão e a fealdade da tirania daqueles que usam a violência para dominar, pelo medo, aqueles que amam o belo e querem a paz, mas que nunca baixam os braços à luta e erguem os braços contra a opressão.

Uma história em quadradinhos tem como cenário um caderno de matemática de uma criança, onde os números vivem em tranquilidade e harmonia, conjugando-se em frações e operações matemáticas e coabitam pacificamente com um jogo de batalha naval (Torrado, 1989, p. 6). Neste cenário de tranquilidade e paz acontece *uma desgraça, catástrofe, cataclismo, calamidade, um horror!* (Idem, p. 6) Uma mancha de tinta, um borrão, vindo não se sabe donde, caiu sobre a folha aos quadradinhos...e logo engoliu ali uma quantidade de números desprevenidos. Até *uma flor plantada entre dois problemas se viu em risco de desaparecer, pois com os seus tentáculos o borrão tateava o caminho até ela* (Idem, p. 6) Vale-lhe a coragem dos números que partem em seu socorro e conseguem resgatá-la.

Mas, *o borrão estragadão, papão, gigantão, comilão* (Idem, p. 10) *não parava de aumentar, na sua ânsia devoradora e alimentava ambições de arrepiar* (Idem, p. 12), *de folha em folha, de caderno em caderno, o borrão dispunha-se a conquistar o mundo* (Idem, p. 14).

Ai de quem/ousar dizer-me que não!/ Pequeno é o mundo/ para a minha ambição (Idem, ibidem, p. 14)

Os números não se submetem à tirania do borrão, unidos aos barcos da batalha naval, tentam travá-lo, por todos os meios e, *embora formassem um pequeno exército e não percebessem nada de guerra, recusaram fazer parte do império do borrão* (Idem, p. 20) e conseguiram afundá-lo na rede quadriculada, onde se sustinha, afundando-se, de vez: *escorregou a toalha de quadradinhos atrás do borrão, que desabou sem remissão* (Idem, p. 22). Festejaram os números e com eles a flor, por eles salva.

As mensagens de que a união faz a força e de que o povo unido jamais será vencido são claramente legíveis nas entrelinhas deste conto e qual de nós não vê na flor, o cravo que despontou em Abril?

Também a temática da liberdade e do respeito pela autonomia do outro está presente no conto: O Veado Florido (1979).

Esta é uma história muito antiga, passada numa terra ainda mais antiga (Torrado, 1979, p. 1), em que *um senhor muito rico possuía nos seus jardins uma coleção singular de animais nunca vistos* (Idem, p. 2), perante a qual todos ficavam boquiabertos e deslumbrados. O narrador enuncia uma listagem de bichos, o mais exóticos possível: *Havia crocodilos voadores, leões emplumados, cavalos azuis, borboletas gigantes, serpentes luminosas, girafas listadas, cisnes transparentes* (Idem, p. 3).

O senhor enviava criados pelos quatro cantos do mundo, na sua busca incessante de novidades animais, que mantinha aprisionados em gaiolas de ouro, no seu jardim e que, apesar de muito bem tratados, cedo morriam.

É então que um dos seus criados captura um veado florido. Belo e acetinado, tal como os outros. Mas, nas longas e recortadas hastes que lhe ornavam a cabeça, tinha flores. Eram brancas. E tinham folhas, folhas de um verde luzidio (...) Era um veado florido (Idem, p. 7).

Capturado pelo homem, o animal cedo perde a sua singularidade, caindo-lhe folhas e flores, de modo que quando chega ao palácio do senhor muito rico, este fica desapontado. Porém, como é Outono, convence-se que na Primavera as hastes tornarão a florir e as folhas a brotar. No entanto, tal não acontece e *o pior é que o veado mal comia* (Idem, p. 9), os demais animais também começaram a morrer e o senhor começou a questionar-se sobre a graça que teria colecionar aqueles animais.

Os seus criados tinham sido responsáveis pela extinção de todos os animais exóticos da Terra e agora nas jaulas, os últimos, morriam. Só ficou o veado, vulgar como os demais. Considerado como um estorvo, ele é libertado.

Em liberdade e em contacto com a natureza, as suas hastes *cobrem-se novamente com folhas luzídias e flores muito brancas* (Idem, p. 14) o criado, que a tudo assiste, ainda chama o patrão, mas em vão o veado já tinha desaparecido (Idem, p. 16).

Esta é claramente uma elegia à liberdade dos seres e um apelo aos homens para que contribuam para a sua felicidade e bem-estar, mas contém também uma importante mensagem ecológica e ambiental, transmitida às novas gerações, no sentido da preservação da fauna terrestre e do respeito pelos animais e pelo habitat em que vivem.

Sobre o respeito pelos animais e a sua liberdade é também o conto “O Cavalinho Branco” (In *O Tambor-mor e Outros Contos*, 1980).

Nesta história se comprova a tese de que muitos seres humanos são interesseiros e egoístas exploradores dos animais, não respeitando os seus direitos e maltratando-os.

Um cavalinho branco, de estrelas azuis resolve fugir do carrossel, onde estava preso, farto de fingir que trotava, *sempre à roda, sempre à roda* (Torrado, p. 12).

Decidido a mudar de vida, o cavalinho parte e goza da felicidade de ser livre, até ser novamente aprisionado e levado para o circo, onde o seu movimento passa, outra vez, a ser circular: *Noites e noites andou, trotou, dançou, na pista do circo. Até que um dia se fartou Nem o torrão de açúcar sempre prometido, sempre adiado foi reclamar. Dali não levou nada* (Idem, p. 14).

Reconquistada a liberdade, o cavalinho volta a ser feliz, mas é uma felicidade efémera, pois um lavrador que o avista nos campos, livre, corre atrás dele e aprisiona-o, novamente, fazendo andar novamente *andar à roda, roda, roda* (Idem, p. 15) de uma nora. Já em liberdade, equaciona o seu futuro: não será um cavalo de carroça, também não será montada da GNR, decidiu ser cavalo de brincar, colocando-se, numa loja de brinquedos, ao lado de outros cavalinhos de madeira e esperou que alguém o levasse.

Também em “O gato saiu à rua”, da mesma coletânea, a temática da liberdade é associada aos direitos dos animais.

No tempo em que os animais falavam, um galo aprisionado por uma corda, consegue fugir e é levado a tribunal, sendo multado pelo juiz, nega-se a pagar. Então, enxotando a aflição e espevitando a coragem, o galo canta e no seu canto contesta a condenação: Contou que os galos ao ar livre, como ele, antes de ser aprisionado, nunca poderiam conformar-se com *viver num galinheiro, com comida a horas e migas já desfeitas* (Torrado, p. 29). *Ele crescera e ganhara esporas de esgaravatar a terra, a limpar os caminhos (...), a sachar pela vidinha* (Idem, p. 29). Ele é um ser de liberdade e anseia voltar à vida livre do campo, onde exercia funções importantes e imprescindíveis: *Na aldeia todos o conheciam. Ele é que ensinava as horas aos mais velhos. Ele é que apontava as tocas dos grilos aos mais miúdos. Ele é que fazia nascer o sol, quando, empoleirado no pelourinho, o chamava do escuro. Ele é que catava os bichinhos ruins* (Idem, p. 30).

O bicho tão bem esgrimiou os seus argumentos que o juiz o ilibou da multa e o animal conquistou a sua tão almejada liberdade.

Também sobre a liberdade e o direito à auto-determinação dos seres é o conto: “O Elefante do Rei” (in *Dez Contos de Reis*, 1990), em que facilmente podemos identificar o retrato do tempo da escravatura, um regime cruel e déspota.

O rei de um país distante tinha um exército de elefantes e o mais sólido, sisudo e obediente, um magnífico elefante branco, era a montada do rei, obedecia-lhe. Pertencia-lhe. A vida dele era a vontade do rei (Torrado, 1990, p. 11).

O elefante tinha um filhote que, quando alcançou estatura suficiente, passou a ser a montada do filho do rei. Um dia, o pequeno elefante, desequilibrou-se e deixou cair o príncipe no chão, então o rei tomado de cólera mandou-o abater. O grande elefante estremeceu e, vendo ameaçada a própria cria, o seu filho amado, sacudiu o rei do seu dorso e varreu todos aqueles que ameaçavam a vida do seu filho. *Os outros elefantes, irmanados no mesmo sentimento de revolta perante o despotismo real, abandonaram o exército e sem almofadas de seda, sem tapetes no dorso, sem campainhas, sem enfeites* (Idem, p. 13) voltam a ser só elefantes, donos deles próprios (Idem, p. 35).

A temática da igualdade e da liberdade de direitos entre todos os seres está igualmente presente no conto: “O Tambor-mor” (in *O Tambor-mor e Outras Histórias*).

O tambor não é um objeto escolhido ao acaso. Dentro dos instrumentos musicais, é aquele que mais ruído consegue provocar e facilmente o podemos associar a contestação e reivindicação. A história fala-nos sobre um tambor mágico, comprado pelo rei Escamiro num leilão num país vizinho, que mudara de governantes. Este tambor recusa-se a tocar, até ao dia em que uma criança, um rapazinho, entoia uma lengalenga com poder encantatório sobre o instrumento. Então, o tambor começa a emitir palavras, a primeira das quais é um rotundo não¹

E é assim que cada vez que o rapazinho lhe pega e o toca, o tambor desabafa palavras de reivindicação:

Não é solução que o grão e o feijão custem um dinheirão! (Torrado, p. 7) Na sequência da contestação, o rei baixa o preço das leguminosas, mas o tambor insiste: *Não basta baixar o preço do grão e do feijão. Vejam o pão! Rataplão! Vejam o sabão! Rataplão! Vejam o carvão!* (Idem, p. 7)

Perante a contestação, o rei toma uma posição: *Baixa-me esses preços depressa, porque já não se pode viver no palácio com tanto rataplão* (Idem, p. 8).

Mas a reivindicação do tambor vai subindo de tom: *não basta dar colchão a quem não tem colchão. É preciso ver com mais atenção porque é que há uns tantos a dormir no chão, enquanto uns tantos poucos dormem em cima de mais que um colchão* (Idem, p. 9).

Para uns salmão, faisão, peru, melão...para outros pão e azeitonas, azeitonas e pão. Não é solução (Idem, ibidem, p. 9).

¹ Esta palavra não é escolhida aleatoriamente. Ela indica uma demarcação de posição de quem a profere, expressando uma intenção diferente da do primeiro interveniente a falar. Não é, por excelência, uma palavra de contestação.

O rei¹ dá ordens de fuzilamento do tambor e do rapazinho que o toca. Mas, o menino consegue escapar e o povo junta-se-lhe em força, acompanhado por muitos outros tambores: *Com tanto tambor no reino a fazer ressoar as suas boas razões, não havia algodão nos ouvidos que bastasse ao rei Escamiro. Teve de fugir. Fugiu ele e fugiram, numa grande balbúrdia de colchões pelo ar, de feijões pelo chão, os mercadores e outros grandes senhores. Ficaram os tambores* (Idem, p. 10). Ficaram os tambores, que é outra forma de dizer, ficou o povo. Haverá melhor forma de terminar uma história?

Termina, então, esta história onde a maior parte começa: *Era uma vez, um país maravilhoso* (Idem, p. 10).

Sobre a temática da liberdade é também o conto: “O Manequim e o Rouxinol”, pertencente na coletânea com o mesmo nome

Num ateliê de costura, um manequim e um rouxinol encontram-se juntos, perto de uma janela. O rouxinol está preso numa gaiola e ele, que *ali vivia muito infeliz, passa o tempo a pedir e a implorar ao manequim que o liberte: -Tira-me daqui! Tira-me daqui!* (Torrado, 1987, p. 50) é o pedido permanente da pobre ave. Boneco, sem vida, é claro que o manequim não atende os insistentes pedidos do pássaro e os seres humanos ainda o compreendem menos, pois confundem o seu queixume com canto de alegria: “na sala ao lado, ouvindo-o, elogiavam-lhe a voz e o alegre canto” (Idem, p. 50).

Acérrimo defensor da liberdade e dos direitos dos animais, Torrado dá-lhe um final feliz, *não quero que seja triste* (Idem, p. 51) um menino pega no rouxinol, muito encolhido na gaiola e dá-lhe a almejada liberdade. Este é mais um conto, em que a infância é evidenciada pelo autor como a melhor fase da vida do ser humano e mais sensível à existência alheia ainda que se trate apenas de animais.

Dentro do tipo de contos de Torrado, que assentam na trilogia: liberdade, igualdade, solidariedade, estão, com efeito, os contos dedicados aos animais, ou de que estes são protagonistas. Apresentamos, a título de ilustração, as estórias: “Os homens não entendem a fala dos cães” e “A ciganinha e o jerico”, ambos da coletânea, *A nuvem e o caracol* (1971).

A primeira das histórias gira à volta de um cachorrinho, Nero, para o pai de família e Nené, para a mãe, as crianças e a cadela sua mãe, a Paquita.

Na história são evidenciados a sensibilidade e afeto dos animais, características normalmente associadas somente aos seres humanos.

¹ Simbolizando aqui o poder tirânico e absolutista.

Terna e carinhosa para o filhote, a Paquita, um dia ouve o dono dizer que *mimo mais estragará o cachorrinho: deixá-lo dormir em casa, dar-lhe comida especial e fazer-lhe festas de mais apenas farão dele um cão fraco, em quem toda a cançoada vem afiar o dente* (Torrado, p. 26).

Ouvindo estas palavras, a cadela começa, por amor, a ter uma atitude totalmente diferente para com o cãozinho: não o deixa entrar no quarto das crianças, entorna-lhe as sopas especiais que a dona faz para ele e não corre a pegar nele, sempre que o galo da índia com ele se mete.

Para desconcerto da pobre cadela é então que o senhor Emílio, o dono, acoita o cãozinho, chamando-lhe, carinhosamente, Nêne e apelida a mãe de pouco esmerada com ele. (Torrado, *idem*, p. 29)

Em “A ciganinha e o jerico”, Torrado exprime os seus sentimentos de humanismo fraterno, quer pelas minorias étnicas, quer pelos animais, manifestando, mais uma vez uma enorme sensibilidade.

Maysa é a menina, Titó, o burrito em que ela monta. Maysa é linda, como todas as meninas, tem olhos e tranças negros, Titó é um grande finório e um cantor de voz catita (Torrado, *idem*, pp. 43-44).

Como única criança no grupo de nómadas que é a sua família, Torrado não deixa de referir a dureza da sua vida e o desprezo que muitas pessoas por eles sentiam.

Maysa vivia num acampamento, desses que não acham poiso certo

Ora aqui, ora ali (...) num correr de cidades e campos, coisa que dá que pensar às pessoas que têm casas de telha, lareira acesa, fartura na despensa e sempre cama no mesmo sítio. – Ciganos, saltimbancos...- Comentam essas pessoas, encolhendo os ombros. Que gente! (Idem, p. 46)

A amizade da menina e do animal é ameaçada pela sua venda iminente, pois era também da venda de animais que dependia a sobrevivência da família de Maysa, *a ciganinha não levantava os olhos do chão. Estava triste porque ia perder o amigo. Muito triste (Idem, p. 47).*

O burrinho, por esperteza, para não se separar dela, faz-se doente e coxo, só quando os compradores o examinam, mas com Maysa à garupa trotava que era uma maravilha (Idem, p. 48).

Os seus donos começaram, então, a queixar-se de que precisavam do dinheiro da venda para viver e o animal, como se de uma pessoa se tratasse, sente que deve mostrar as suas habilidades para contribuir para a economia familiar: *faz contas de somar, com giz nos dentes, (...) toca pandeireta e dá estalinhos com a língua, batendo o compasso, quando a ciganinha Maysa, linda como uma flor (...) dança e encanta quem a vê dançar (Idem, p. 49).*

Tão inteligente e mais sensível que muito seres humanos é Caidé, o protagonista da obra homónima de Torrado. Este cocker conta em primeira pessoa as aventuras de se ser o mais fiel companheiro do homem, sublinhando, várias vezes, ao longo dos três capítulos do conto: *Estes homens são tão difíceis de entender! (...) têm cada esquisitice* (Torrado, 1983, pp. 13-14).

Além das suas perplexidades perante comportamentos dos seus donos que lhe parecem contraditórios, Caidé refere que se dá melhor com os miúdos que com os adultos, embora tome sempre as suas precauções, pois com seres humanos, nunca se sabe: *Se é dos de fazer festas, dou-me às festas. Se é dos outros, mostro os dentes e dou-me ao respeito. Nunca tive dissabores* (Idem, p. 22).

Caidé termina a sua narrativa com uma judiciosa reflexão sobre os homens, manifestando o seu desejo para que um dia os animais sejam mais bem compreendidos e mais amados por quem tem obrigação de os proteger.¹

Talvez fosse por isso que me lancei por este livro adiante. Para desabafar. Para que nos entendam melhor. Para que nos façam justiça. Para que, ou nos chamemos “Caidé” ou “Tafique” ou “Bolinhas” ou “Mondego” ou “Piloto”, o nosso latido, o nosso rosnar, o nosso olhar- Sim, sobretudo o nosso olhar não sejam indiferentes aos homens (Idem, p. 27).

Várias vezes são as personagens criadas pelo autor que dão voz às suas preocupações de defesa e proteção animal. Atentemos em D. Fuas, domador, protagonista da história com o mesmo nome, pertencente à coletânea: *Pinguim em Fundo Branco* (1973). Ele dirige-se ao público, declarando o seu amor pelos animais.

Os animais que me serviram nunca tiveram razão de queixa! Enquanto comigo trabalharam, concedi-lhes carinhos e bons tratos. Quando os despedia, proporcionava-lhes sempre uma nova vida (...) Levei os elefantes e os leões para o meio da selva e dei-lhes liberdade. Levei as focas e as tartarugas para o meio do mar e dei-lhes liberdade. Levei os cães e os ratos para o meio da rua e dei-lhes liberdade.” (Torrado, p. 12)

No final, o autor termina, com as palavras humorísticas de D. Fuas:

-Meninas, minhas queridas pulgas, sois livres (Idem, p. 13).

Na mesma obra, encontramos o conto, “Uma consulta arriscada”, em que um animal selvagem, um leão, é tratado como se de uma pessoa se tratasse: *Neste circo, dos macacos às serpentes, dos cães aos pombos, todos são artistas, tal como as pessoas, trabalhamos todos na mesma profissão e somos bons colegas* (Idem, p. 20).

O carinho pelos animais, ainda que da envergadura do leão, é também visível na onomástica do animal, no cartaz do espetáculo era chamado. “Fagotes, o terrível”, mas na intimidade aquela fera correspondia com solicitude ao nome: “Boby”.

Para terminar a reflexão sobre este tipo de contos, apresentamos:

¹ É o apelo do autor às novas gerações, a quem o livro se destina, no sentido de respeitar e proteger os animais, os mais fiéis companheiros humanos.

“ O corvo das asas cortadas”, da coletânea *História com grilo dentro* (1984). Um pobre corvo é resgatado por dois rapazes de um lago de águas imundas, não para ser salvo, mas sim para ser aprisionado numa capoeira e, para que não fuja, cortam-lhe as asas.¹

Na capoeira, a pobre ave é gozada e humilhada por todos os habitantes: *galo, galinhas, peru, até o galinho da índia se julgavam superiores ao pobre pássaro, agora sem asas. Chamaram-lhe tudo: tinboso, nojento, avantesma, gato-pingado, cabide para penas, patego (...) Riam-se pintos, frangos e demais criação* (Idem, p. 17).

Durante a noite, a capoeira foi atacada por duas raposas matreiras e como *o único que continuava com o olhinho aceso era o corvo* (Idem, p. 19) era ele quem dava o alarme e alertava as pessoas que acorriam ao galinheiro. *Pressentindo gente, as raposas raspam-se a sete pés, amaldiçoando a espertina do corvo* (Idem, p. 23).

Passa então, Vicente, o corvo, a ser o herói de toda a capoeira, merecendo o respeito e a consideração dos demais bichos, que se arrependem do seu desprezo inicial e da atitude de chacota com que receberam o pobre animal. *O corvo é um valente. Nós a fazermos pouco dele e ele a fazer tanto por nós! Um valente... (...) Estavam bem arrependidos e cheios de remorsos (...)* (Idem, p. 23).

Embora o corte das asas não tenha solução, o conto termina da melhor forma possível: *no dia seguinte o corvo foi promovido a sentinela da quinta* (Idem, ibidem, p. 23).

Paralelamente à trilogia: liberdade, igualdade e solidariedade, são tratadas na obra de Torrado outras temáticas, tal como a sátira ao poder. Várias são as obras em que tal tema está presente, dentre elas, escolhemos: *O Trono do Rei Escamiro* (1977), *O Pajem não se cala* (1981), *O Rei Menino* (1986), “O Rei Dorminhoco” e “ O Rei das Pernas Tortas”(ambos in *Dez contos de Reis*, 1990).

Começaremos por refletir sobre o primeiro conto. O trono do Rei (símbolo da governação e do poder), um dia começou a abanar um bocadinho. *Uma das pernas tinha dado de si* (Torrado, p. 4). Na sequência deste problema e para tentar resolvê-lo, o aprendiz de carpinteiro vai serrando as outras pernas, para procurar o equilíbrio e, tanto serra que o trono ficou sem pernas (Idem, p. 10).

O rei, porém, *não se encontra nada incomodado por perder o pedestal* (Idem, ibidem, p. 10) e, mandando fazer um baloiço com o que restava do trono, passa a sentar-se num banco igual aos outros.

¹ Uma vez mais os homens são apresentados por Torrado como seres egoístas e cruéis para os animais: *Vieram mãos agarrá-lo. Depois veio uma tesoura e pronto. Ainda se debateu o pobre do corvo, mas não se safou. Era de ver que os humanos o não tinham salvado só por salvar. Arranjam maneira de comprometer um gesto bonito com uma diabrura sem jeito* (Torrado, 1984, p.16).

Este é um conto curto, em que a ilustração ocupa um lugar claramente predominante, que aparentemente se destina a pré-leitores e leitores iniciais, mas que serve para refletir sobre assuntos muito sérios, evidenciando um rei que promove a igualdade entre os homens, descendo ao nível dos seus súbditos.

O Pajem não se cala, definida por Torrado como uma “grande novela em ponto pequeno, com oito airosos capítulos e uma conclusão definitiva” (capa) é uma obra inspirada no conto de Andersen: *A Roupa Nova do Imperador*, também conhecida como: *O Rei vai Nú*.

Assumindo o papel de narrador homodiegético, Torrado conta, como sentado num banco de jardim relia esta história de Andersen, quando uma criança se abeirou dele, pedindo-lhe que lhe contasse.¹

Mas Torrado, não se limita a contar uma história inventada por outrem, de modo neutro e desapaixonado, o autor conta-nos a história do menino que teve a pureza e a coragem de pôr em evidência a nudez do rei. É ele o verdadeiro protagonista desta “novela”.

Elevado à categoria de pajem, mais propriamente *caudatário perpétuo* (Torrado, p. 11) do monarca, pelos bons serviços prestados, é-lhe pedido que se mantenha junto do rei *para lhe recordar a sua antiga vaidade* (*Idem, ibidem*, p11).

A ida para o palácio e o protocolo da corte não coíbem o menino de continuar a dizer as verdades, fazendo, desta forma, a denúncia de várias situações. Descalça-se, fugindo ao protocolo, porque vê o rei descalçar-se; critica as formalidades e entediadas e estereis discursos do poder político.² Enfim, o miúdo apontava constantemente as fraquezas do rei e troçava dos seus ministros³ e cortesãos⁴, como se diante dele todos andassem nus (*Idem*, p. 18) e critica o próprio rei, que não tinha sensibilidade sequer para apreciar um trecho musical e se deixava adormecer: Se está com tanto sono, porque é que não vai para a cama? (*Idem*, p. 25)

É então que o rei atinge o ponto de saturação e proíbe-o de falar. Dá-se o cerceamento da liberdade de expressão pela prepotência do poder absoluto. Acontece, neste ponto da história, algo de maravilhoso: proibido de dizer a verdade e sequer de abrir a boca, o menino começa a lançar estrelinhas pela boca, Embora inofensivas, o certo é que algumas estrelinhas fugidas da boca do menino já tinham chamuscado o manto real. As estrelas eram cada vez maiores (...)

¹ *Fixe-lhe a vontade. De caminho, expliquei-lhe que o autor daquele livro se chama Hans Christian Andersen, belo escritor de um belo país, a Dinamarca, grande sonhador, que viajou por todo o mundo* (Torrado, 1981, p.5).

² *Que chatice! Tanta palestra junta e ainda ninguém disse que já se faz tarde para o almoço.* (Torrado, 1981, p.17)

³ *Tanto salamaque! Tanta pirueta! Que grande macacada!* (*Idem*, p.21).

⁴ *Agora já sei porque se chama a isso uma corte. Anda toda a gente a ver quem dá um corte maior na casaca do vizinho* (*Idem*, p.22).

Chamuscavam sempre ou um veludo ou a seda de um vestido, ou a franja de um cortinado (*Idem*, p. 27).

Até que um dia, o inesperado acontece e as estrelas incendeiam o palácio real, do qual só ficam paredes e cinzas. Então, o rei põe cobro à proibição da liberdade de expressão do menino e, como perdeu o manto, dispensa-o das suas funções de caudatário.

Porém a história não acaba aqui e, a pedido do jovem ouvinte do Jardim da Estrela, Torrado elabora um desfecho mais justo: a prepotência do rei e seus cortesãos deve ser cabalmente castigada. *Assim, o povo e no meio dele o menino, os pais e irmãos do menino dispensou o rei e os cortesãos do palácio* (*Idem*, p. 30).¹

Nesta obra é evidenciada a importância da liberdade de expressão e da capacidade de autodeterminação dos povos, aspetos claramente expressos nas palavras finais do autor:

Em lugar deles (os antigos governantes) colocou gente da sua confiança, *gente sem vaidades, que não tinha medo que lhes apontassem as faltas, de que lhes dissessem as verdades duras que todos os governantes têm de saber ouvir* (*Idem, ibidem*, p. 30). Esta é, indubitavelmente, a melhor noção de democracia que Torrado pode transmitir aos mais novos.

Em *O Rei Menino* (1986) o autor também evidencia o caricato da situação em que um rei, ainda menino, prefere as brincadeiras e a liberdade, à prisão do palácio e ao peso das responsabilidades da coroa.²

Outra obra que funciona como sátira ao poder, nomeadamente aos regimes monárquicos é a coletânea *Dez Contos de Reis* (1990). Dela escolhemos os seguintes contos:

“O Rei Dorminhoco”, em que se critica a inércia e a falta de apetência para a governação, que muitas vezes tinham os monarcas e de quão arbitrárias e impensadas eram, muitas vezes, as decisões reais, que embora se refletissem na vida concreta das pessoas, eram tomadas com base em pensamentos fúteis e infundados.

O rei desta história, *sentado no seu trono (...) gostava de dormir o seu bocado (...) como se mal suportasse o peso e as responsabilidades da governação (...) o rei que não sabia do que se tratava, tinha só de dizer sim ou não. Para esse efeito dispunha de uma técnica secreta. Contava as pedrinhas preciosas dos braços do trono (...) Se dava par, dizia sim. Se dava ímpar, dizia não. Depois, voltava a adormecer* (Torrado, pp. 7-8).

O final é, como sempre neste autor, marcado por um toque de humor. Os ministros aproveitam a sua natural distração para lhe perguntar se pode ser substituído pelo filho.

¹ À imagem do que acontece no conto: “O Tambor-Mor”, já por nós tratado, em momento anterior.

² *A dura calçada que pisava parecia-lhe mais macia que o melhor e o mais fofo tapete do palácio. Que maravilha. (...) Saltou ao eixo, brincou à cabra-cega, jogou à malha, jogou à bola e esfolou um joelho* (Torrado, 1986, p.25).

Quando o rei diz que sim (sem pensar, como, de resto, era seu timbre) é a alegria geral de como *palavra de rei não volta atrás* (*Idem*, p. 9), o rei tem de ceder o seu lugar no trono.

Também o conto: “O rei das pernas tortas” ilustra exemplarmente outra faceta do poder real: o absolutismo e a prepotência. Um rei que nascera com as pernas tortas, não admite que ninguém seja diferente dele, impondo a todos aos seus súbditos: dos criados aos ministros, que arquem as pernas, o mais possível e ponham os pés para dentro, como se a sua imagem fosse a da perfeição.

O mais caricato era que até os embaixadores das nações vizinhas tinham de ter muito cuidado com a forma como se apresentavam no palácio. Mostrarem-se com as pernas direitas, nunca! (*Idem*, p. 29)

E assim *naquele reino*, todos *entortavam dignamente as pernas, em vénia a Sua Majestade* (*Idem, ibidem*, p29) Um dia deflagrou um enorme incêndio no palácio e, na ânsia de correr e salvar as próprias vidas, todos correm com as pernas direitas. O rei das pernas tortas, bamboleando as pernas, lá fugiu como pode, não sem que um cortesão lhe gritasse, de longe, sem o reconhecer: Deixe-se de tolices amigo! Nesta aflição cada um corre com as próprias pernas e não com as do rei (*Idem*, p. 30).

Estas palavras fazem o rei refletir sobre todas as arbitrariedades por si cometidas e fazem o jovem leitor pensar na importância da autodeterminação de cada ser humano, único e irrepetível e não cópia e clone de outro qualquer, ainda que este seja rei.

Então, a atitude do rei muda completamente e, quando o palácio é inaugurado, após o incêndio, e todos se preparam para entortar as pernas, as suas palavras são de equilíbrio e bom senso: *Deixem-se de tolices, amigos. Cada um anda com as suas próprias pernas e não com as do rei* (*Idem*, p. 31).

A partir daí, o rei passa a ser conhecido por cognomes como: “O Bom”, “O Justo”, “O Bem-amado”. Das pernas tortas nunca mais ninguém falou.

Conclusão

Em jeito de conclusão, podemos dizer que a obra de António Torrado, nasceu e tomou corpo em momentos muito diferentes da realidade sociopolítica portuguesa, o que faz com que na sua escrita se projetem as preocupações do autor, que vão ganhando sempre novas nuances, dada a sua preocupação de agente partícipe e não de apenas observador.

Relativamente às personagens por ele criadas, elas surgem como agentes da mudança e conscientes da sua ação; são personagens empenhadas e daí resulta a sua dinâmica e os efeitos que provocam.

A obra do autor obedece a uma construção de sentidos universais, que podemos caraterizar como atemporais, embora nela não se vislumbre qualquer carga doutrinadora, mas sim o sentido de que as crianças a quem se destina a sua escrita, serão homens e mulheres que se pretendem conscientes da realidade que os envolve.

Referências Bibliográficas:

- Albuquerque, Fátima (2000). *A Hora do conto*. Lisboa: Teorema.
- Bravo, Pedro Pereira (2003). A Construção de sentidos na obra de António Torrado, in *Malasartes* (Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude). Porto: Campo das Letras.
- Costa, M^a José (1994). *25 Anos de vida literária de António Torrado*. Porto: Civilização.
- Gomes, José António (1991). *Literatura para crianças e jovens*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Pires, Maria da Natividade (2005). *Pontes e fronteiras: da literatura tradicional à literatura contemporânea*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Rocha, Natércia (1984). *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. Amadora, Biblioteca Breve.
- Torrado, António (1971). *A nuvem e o caracol*. Lisboa: Edições Afrodite.
- Torrado, António (1973). *Pinguim em fundo branco*. Lisboa: Edições Afrodite.
- Torrado, António (1975). *O Manequim e o rouxinol*. Porto: Asa.
- Torrado, António (1976). *Conto contigo*. Lisboa: Plátano.
- Torrado, António (1979). *História com grilo dentro*. Porto: Afrontamento.
- Torrado, António (1980). *O tambor-mor*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Torrado, António (1981). *O pajem não se cala*. Porto: Civilização.
- Torrado, António (1983). *Caidé*. Porto: Afrontamento.
- Torrado, António (1984). A literatura infantil é uma escrita em voz alta, in *A Capital*.
- Torrado, António (1986). *O rei menino*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Torrado, António (1987). *Dez dedos de conversa*. Lisboa: O Jornal.
- Torrado, António (com Maria Alberta Menéres) (1988). *Crescendo e aparecendo*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança.
- Torrado, António (com Maria Alberta Menéres) (1989). *Uma história em quadradinhos*. Porto: Asa.
- Torrado, António (1990). *Dez contos de reis*. Lisboa: O Jornal.
- Torrado, António (1994). *O veado florido*. Porto: Civilização.
- Torrado, António (2003). *Histórias tradicionais portuguesas contadas de novo*. Porto: Civilização